

O desnudamento como êxtase do instante ou sobre o não-saber como princípio

*Nudity as the Ecstasy of the Moment
or on Not-knowing as a Principle*

LEANDRO ASSIS SANTOS*

Resumo: O presente estudo visa tecer um paralelo quanto a noção de *mística*, colocando Mestre Eckhart (1260-1328) e Georges Bataille (1897-1962) frente a frente a fim de se refletir acerca do que seria uma *experiência interior*, considerando que o desfecho de toda vivência dessa natureza é articulado por um *não-saber*. Nesse ínterim, opta-se por se guiar por alguns contornos da *mística do desnudamento*, comportamento cujos meandros instalam e se retroalimentam, dentre outros elementos, de um patente esvaziamento.

Palavras-chave: Mística. Desnudamento. Experiência interior.

Abstract: This study aims to draw a parallel regarding the notion of mysticism, placing Meister Eckhart (1260-1328) and Georges Bataille (1897-1962) face to face in order to reflect on what an inner experience might be, considering that the outcome of any experience of this nature is shaped by a not-knowing. In this interim, it is chosen to be guided by some contours of the mysticism of unveiling, a behavior whose intricacies establish and feed back, among other elements, a manifest emptying.

Keywords: Mysticism. Stripping. Inner experience.

* Leandro Assis Santos é Doutor em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). E-mail: leandroas30@hotmail.com

Do ponto de vista religioso (marcado, na presente análise, pela perspectiva cristã), a mística traduziria uma procura por Deus para além de qualquer realidade tangível, visto que se imerge de tal modo no Uno que se plenifica como aquilo que doa sentido à vida (a saber, Deus). O homem se abre, na busca por Deus, a um reposicionamento pleno de si – não havendo, consequentemente, nenhuma marca de consciência que se mantenha à experiência propriamente dita.

I

Nesse aspecto, percebe-se que na experiência mística o que irrompe é justo um “esquecimento” de si, não como uma memória que o sujeito perde, mas como aquilo que se desnuda do entendimento que é derivado dessa vivência: não há “razão pura” na mística. Desnudar-se é precisamente entrar em uma simbiose com Deus, implodindo a distância que separa o sujeito do “objeto” cultuado, visto que, como abertura de espaços, a mística erigida por Eckhart sugere que Deus está em todo lugar, de modo que sua condição de Onipresença se evidencie quando se acolhe sua diferença: Deus se doa, revela ou manifesta como um não-saber, pois experiência, nesse caso, é o que nos conduz à, o que nos leva, desloca para um encontro com o ente amado. O desprendimento, assim, pode ser depreendido plenamente como amor e, como algo que nos atravessa, perpassa e nos toma por completo, unindo-se ao sujeito como diferença no interior de sua unidade: místico e Deus habitam um mesmo recorte.

Evidentemente, sua linguagem se recolhe no silêncio que é resguardado por uma profunda tonalidade afetiva de solidão. Eckhart conclui que nesse momento o místico é atravessado pelo sacrossanto. O silêncio é marcado por uma frágil experiência do *logos*, ainda que este seja potencialmente afirmativo de vida. Bataille, como se perceberá, insinua que a mística traça uma experiência em que o êxtase se combina à angústia na medida em que apreende um desconhecido, uma presença que não se diferencia de uma ausência.

Na mística do desnudamento se enfatiza a unidade na *diástase*, aqui entendendo por esse conceito a experiência da *desconexão com o corpo*. Por um momento, rompem-se os véus da separação Deus-homem e se celebra o sponsório (isto é, a conexão) místico entre Deus e o homem. A dualidade persiste porque um não é o outro; todavia, ela é transponível numa unidade inefável. Em Mestre Eckhart, tal fenômeno é traduzido pelo termo *desprendimento*.

O desprendimento está conectado à disponibilidade plena do indivíduo para a sua imersão no “espaço” em que Deus habita, exercendo o que o autor concebe por *liberdade de e para*. É um fenômeno que se exerce via total pobreza, concebida como uma intensa anulação do Eu no sentido de um esvaziamento de si à medida que se põe enviesado em direção de um perfeito equilíbrio interior. “Perfeito”, nesse caso, é entendido literalmente, isto é, como aquilo que é feito em sua inteireza, um caminho percorrido em sua totalidade. Todas as significações acerca do desprendimento não visam a si mesmas, senão simplesmente abrir o indivíduo à presença de Deus em todas as situações e habitar um terreno em que se urde uma união com o sagrado.

Essa atitude fundamental pretende instaurar um absoluto esvaziamento dos componentes que imprimem nossa própria humanidade, sobretudo o querer, o saber e o ter, o que autoriza concluir que a experiência mística é uma instância em que o místico atinge, ainda que por instantes, um *fragmento de completude*. Deste modo, a experiência interior proporcionada pela vivência mística acena para uma *epoché* (em sentido husserliano) da finitude, uma suspensão da temporalidade radical que enerva a existência humana, possibilitando um adentramento ou disponibilidade a um horizonte que se avizinha o estranhamento face ao Nada, pura condição de possibilidade, que constitui Deus.

Destarte, há no desprendimento uma fagulha de *arkhé*: um princípio de constituição do real que faz e deixa instalar mundo. Por isso o autor afirma que “*O desprendimento puro assenta naquilo que há de mais elevado*” (Eckhart, 1994, p. 155). E não se deve querer nada, uma vez que enquanto se deseja não se experiencia a *liberdade* que se manifesta desconectada de toda e qualquer dimensão corpórea, pois se assim não for, seria impossível entrever a singularidade do que se apresenta. Logo, deve-se estar totalmente desnudado diante de qualquer instância que possa atravessar e nos harmonizar ao exterior dessa experiência – que, no fundo, não é absolutamente nenhuma vivência performática, visto ser intransferível, irrevogável e inelutável; consequentemente, sem máscaras e essencialmente solitária. Perfaz o que Eckhart chamou de *homem interior*: aquele que é “amante” de Deus, “fora de seus sentidos e arrebatado” (Eckhart, 1994, p. 154). Portanto, a experiência interior implica em estado de êxtase, de arrebatamento, que, em Eckhart, transcende a instância corporal dos sentidos, sendo isso o que o Mestre chamou de amor com todas as potências da alma. O desprendimento “é o que há de mais excelente, pois é ele que purifica a alma e perlava a consciência,

inflama o coração e desperta o espírito, espicaça o desejo e faz conhecer a Deus, separa da criatura e une-se a Deus” (Eckhart, 1994, p. 157-158). Isso será o que Georges Bataille nomeará por *erotismo sagrado*.

A experiência mística descrita por Eckhart é uma atitude que se apoia sobre o puro e singelo Nada, na qual se percebem fortes influências de Dionísio Pseudo-Areopagita. Enquanto o sujeito da ação possuir qualquer afeto em seu interior, ainda não estará totalmente disponível e nem livre. Conforme o Mestre, a liberdade oriunda da experiência interior não é somente uma dimensão em que se está condenado a escolher. Entretanto diz respeito a possibilidade de sustentar a nudez de espírito até seu último véu. A liberdade é sustentar uma efetiva diástase que, de um lado, remove, despe, *nega* todo e qualquer traço de corpo e consciência para, em seguida, deleitar-se pela graça da união a Deus – por isso este é condição para todas as coisas, visto que: “o lugar natural e próprio de Deus é a unidade e a pureza nascida do desprendimento” (Eckhart, 1994, p. 155). Logo, se não há desprendimento, não há, igualmente, encontro genuíno com Deus.

É nesse aspecto que se percebe na obra de Eckhart a dimensão da necessária libertação das imagens tradicionais de Deus (nesse caso, deve-se pensar totalmente em uma teologia apofática aos moldes de Pseudo-Dionísio Areopagita) com o objetivo de senti-Lo em sua plenitude em ações como a *caridade* e a *humildade*. O desprendimento sustenta esses dois esteios da experiência mística: a caridade, pelo fato de ela ser a potência de suportar tudo por Deus como “erótica” determinante de amor, e a humildade por se tratar da completa anulação de si, renunciando à própria vontade.

Todavia, o desprendimento é superior à caridade e a humildade, já que essas virtudes são extensivas a outros sujeitos, quando o desprendimento visa exclusivamente acessar a Deus. Por conseguinte, é um sair de si que permanece centrado (em si próprio) – por isso é lugar de arrebatamento, de êxtase –, levando o homem a máxima semelhança com Deus, uma semelhança na diferença. Aí reside a suprema felicidade, já que só se é livre quando se acolhe o Nada como elemento nuclear e articulador do Todo. Todo e Nada são faces da mesma moeda. Chega-se a perfeita disponibilidade pelo desejo incessante e insaciável de Deus. Entretanto, não se trata de um desejo de posse, pois isso constituiria um obstáculo porque colocaria o Eu e não Deus no centro. Trata-se de uma busca de Deus que deixe Deus ser Deus.

II

O filósofo francês Georges Bataille, por seu turno, apreende a mística margeando-se por outras redes significativas. Em um comentário sobre a mística que engloba Dionísio Pseudo-Areopagita, Mestre Eckhart, São João da Cruz e Santa Teresa¹, Bataille conclui que a experiência mística exprime, como afirmado no começo desse escrito, uma luz obscura sobre algo desconhecido, “uma presença que em nada mais se distingue de uma ausência” (Bataille, 2016a, p. 35).

Primeiro é importante ressaltar que a palavra *mística*, a partir daqui, é totalmente substituída pela expressão *experiência interior*. Isso porque o autor entende que a experiência interior é a vivência soberana por excelência. Desvinculada da imagem de Deus, a vida é totalmente permeada pelos *dispêndios improdutivos*, como o riso, a lágrima, o heroísmo, o êxtase, o sacrifício, a poesia, o erotismo, dentre outros eventos realizados pelo homem.

Entenda-se por dispêndios improdutivos as ações em que se “gastam” a existência humana como uma possibilidade meramente contingente, em que tudo o que é necessário é incorporado e atravessado pelo inútil – mas, sendo isso o que atribui algum significado à vida. Estados de êxtase ou arrebatamento não seriam senão os acenos mais definidores do humano, suas formas primordiais de execução da vida. Estado de êxtase, ainda que atravessado pela compreensão de Eckhart, porém totalmente apartado deste, baliza a existência em uma economia de gasto, de consumo (da vida) como algo a ser vivido; portanto, de alegria, coragem e paradoxos. Se o êxtase é o espaço em que há supressão das diferenças e a instalação do não-saber, a vida mesma se torna esse campo privilegiado, ainda que obnubilado, de ser no encurtamento de distância com o que plasma o extremo do possível. Não se trata de uma “emoção meditada” (Idem) ou confessional, mas do que o autor concebeu como “uma experiência nua, livre de amarras, e mesmo de origem” (Idem).

Erótico, por seu turno, é esse gesto que se traduz como um movimento que deixa a corporeidade aparecer, repleta de uma carne cuja capilaridade é o aspecto, a aparência, a ilusão – a *transgressão*. A perda, o dispêndio enquanto gesto de corporeidade, apela ao declínio de se entender o corpo como qualquer coisa de sagrado, no sentido de não tocável, ou simplesmente como algo profano, somente sujo e desconfigurado. Todo gesto traça, assim, uma ontologia do *ser-corpo*, que não é alegórico, é produzido pelas dimensões mesmas dos gastos

¹ O referido comentário se encontra no primeiro capítulo, cujo título é *Crítica da servidão dogmática (e do misticismo)*, em *A experiência interior*.

que promovem o existir – uma *ontologia dos gestos*. O *gesto* é puro movimento e aceno à existência imanente, que se sintoniza constantemente aos dispêndios empreendidos pelo homem. Isso quer dizer que se liberta o sujeito que vive a experiência interior com todos os seus melindres e angústias, sentindo a presença do receio, do medo (da aventura, por exemplo), porém, resistindo a ele. Maurice Blanchot escreveu:

A morte, a morte do outro, da mesma maneira que a amizade e o amor, liberam o espaço da intimidade e da interioridade que não é jamais (em Georges Bataille) aquela de um sujeito, mas o deslizamento para fora dos limites. ‘A experiência interior’ diz assim o contrário do que parece dizer: movimento de contestação que, vindo do sujeito, o devasta, mas tem por mais profunda origem a relação com o outro que é a comunidade mesma, a qual não seria nada se não abrisse aquela que se expõe a ela, à infinidade da alteridade, ao mesmo tempo que lhe determina sua inexorável finitude (Blanchot, 2013, p. 30).

Nesse prisma, Bataille delimitará a experiência interior como algo originado por um não-saber – não tem causa ou origem em nada, mas, simplesmente nas contingências e intempéries hodiernas. Isso significa que se está em um lugar de compreensão do humano por meio do qual a pura ação consciente não eclode de forma primeva, porém é epigonal ao corpo que originariamente se revela. Precipuamente se é corpo; e somente isso. O não-saber é a base da experiência radical extática (que se refere ao êxtase) em Bataille. E o êxtase ganha seu significado – de alguma maneira, como em Eckhart – quando se irrompe a vida como chance. Todavia, bem distinto do autor medieval, como exercício da liberdade como festa, acaso, dança, riso, falta de meta, perigo, risco, morte, isto é, como dispêndio. Liberdade, como deslize da/na chance, é excesso, uma indômita exuberância das forças. Chance, liberdade é risco.

Nesse sentido, em um projeto que inverte a mística compreendida anteriormente, o arrebatamento que essa atitude pode supor está em uma instância de *transgressão*. A transgressão não é o silenciamento dos interditos, das proibições, mas é a existência na provisão/extravagância do instante. Consequentemente, é potência de afirmação indômita da finitude da existência, já que se revela como erotismo arrebatado de êxtase – a erótica como única ação possível que, ainda que de forma efêmera, nos completa – por isso é instauração de morte como o que acaba cheio de plenitude, mas também como possibilidade de começo.

A transgressão que arrebatava a existência traduz o erotismo como uma atitude soberana, de domínio e, por isso mesmo, de (ainda que momentaneamente) anulação da morte como limite; posiciona essa vivência como um limiar: a morte é a experiência do extremo do possível e, como síntese, é possibilidade extrema, porém, igualmente como ato inaugural e princípio, ou mero ponto de partida – quantas vezes é preciso morrer em vida!

O não-saber é um horizonte erótico porque sustenta o existir, visto anular a tomada de consciência na união dos corpos. Na instalação do erótico, há a supressão da consciência de si e absoluto esvaziamento, anulação do ensimesmamento que cede lugar à alegria – alegria e morte: o jogo de dados que é a vontade de chance! “Como uma mulher, o possível tem suas exigências: quer que o acompanhem até o fim” (Bataille, 2017b, p. 43), como o autor escreve em *Sobre Nietzsche*. Por isso é desnudamento, êxtase, profusão de instante.

“Experiência”, por fim, é, segundo Bataille, o fato de ser. E se tem por princípio o não-saber, “o desconhecido obscuro que o êxtase revela *está subordinado a me subordinar*” (Bataille, 2016a, p. 34). Ou seja, se viver é buscar por dispêndios que nos conectem ao instante extraordinário do ato de ser, a anulação do Eu se dá na abundância daquilo que nos atravessa – é pura alegria.

Por isso a experiência interior está no âmbito de uma “apreensão obscura do desconhecido”, já que o não-saber é o que nos interpela e arrebatava; o sabido se torna entendimento, perdendo o viço e a beleza da surpresa. Só se desnuda quando se endereça, sem máscaras, em direção ao que não se entende. Eckhart chamaria isso de mistério e a potência mística aqui em jogo é a tradução de que o homem, em Bataille, não é tudo; sempre precisa de algo que ele mesmo não é.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BATAILLE, Georges. *O culpado: seguido de A aleluia*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a (Filô/Bataille).

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b (Filô/Bataille).

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a (Filô/Bataille).

BATAILLE, Georges. *L'Histoire de l'érotisme*. Paris: Gallimard, 2015b.

BATAILLE, Georges. *A experiência interior: seguida de Método de meditação e Postscriptum 1953: Suma ateológica*, v. I. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a. (Filô/Bataille).

BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2016b. (Filô/Bataille).

BATAILLE, Georges. *O ânus solar (e outros textos do sol)*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio & Alvin, 2017a.

BATAILLE, Georges. *Sobre Nietzsche: vontade de chance: seguido de Memorandum; A risada de Nietzsche; Discussão sobre o pecado; Zaratustra e o encantamento do jogo – Suma ateológica*, v. III. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b (Filô Bataille).

BATAILLE, Georges. *História do olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BATAILLE, Georges. *A pura felicidade: ensaios sobre o impossível*. Organização, apresentação e tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2024 (Filô/Bataille).

BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade*. Paris: Édition de Minuit, 1963.

BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Trad. Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme, 2013.

CABANTOUS, Alain; WALTER, François. *Les tentations de la chair. Virginité et chasteté (16-21 siècle)*. Paris: Payout, 2016.

CABRAL, Alexandre Marques. *Fenomenologia da experiência mística: mística, antimetafísica e existência à luz de Mestre Eckhart e do zen budismo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*. Trad. Caio Meira, Fernando Scheib. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DYRANÇON, Jean. *Georges Bataille*. Paris: Gallimard, 1976.

ECKHART, Mestre. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. Trad. Raimundo Vier, O.F.M. e outros. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECKHART, Mestre. *Conselhos espirituais*. Trad. Fidélis Vering e Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes, 2016.

ECKHART, Mestre. *A nobreza da alma humana*. Trad. Raimundo Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 2020.

ECKHART, Mestre. *Sermões alemães*. Tradução e introdução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2024.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, tecelão de mitos*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

JORON, Philippe. *A vida improdutiva. Georges Bataille e a heterologia sociológica*. Trad. Tânia do Valle Tschiedel. Porto Alegre: Sulima, 2013.

LÉVINE, Éva; TOUBOUL, Patricia. *Le corps*. Paris: Flammarion, 2002.

LIMA VAZ, Henrique C. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

MARCZUK, Monika; APICELLA, Nicola (Orgs.). *Cahiers Bataille 4. Dictionnaire critique de Georges Bataille*. Meurcourt: Éditions les Cahiers, 2019.

RABOUIN, David. *Le désir*. Paris: Flammarion, 2002.

RASCHIETTI, Matteo. *Mestre Eckhart: um mestre que falava do ponto de vista da eternidade*. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais – ensaio de hermenêutica especulativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TANQUEREY, Pe. Adolphe. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. Trad. Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae, 2018.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; CORTINE, Jean-Jacques. *Histoire du corps 1. De la Renaissance aux Lumières*. Paris: Éditions du Seuil, 2005a.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; CORTINE, Jean-Jacques. *Histoire du corps 2. De la Revolution à la Grande Guerre*. Paris: Éditions du Seuil, 2005b.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; CORTINE, Jean-Jacques. *Histoire du corps 3. Les mutations du regard. Le XX siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2005c.

Como citar:

SANTOS, Leandro Assis. O desnudamento como êxtase do instante ou sobre o não-saber como princípio. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 24, Anais da I Jornada de Filosofia e Teologia da FSB RJ – Cultura Italiana, p. 33-42, jul./dez. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v24-anais.fsbrj-2025-2>